

ESPAÇOS NÃO FORMAIS: DIFICULDADES ENCONTRADAS POR PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO INTERIOR DE PERNAMBUCO

Rosália Rodrigues da Costa Silva (1); Rayane Santana da Silva (1)

(Centro Acadêmico de Vitória/ Universidade Federal de Pernambuco, roebiel_23@hotmail.com (1); Centro Acadêmico de Vitória/ Universidade Federal de Pernambuco, rayanne-santana@hotmail.com (1))

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil apresenta uma série de paradigmas que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. Um deles gira em torno das metodologias adotadas em sala de aulas, onde o professor é considerado o detentor do saber e buscar transmitir todas as informações científicas acumuladas ao longo da histórica e o aluno é visto como simples receptor passivo. Esse modelo de ensino tradicional ganhou disseminação no Brasil e continua até os dias atuais sendo encontrado em algumas escolas, impossibilitando que muitos docentes tornem-se receptivos a novas metodologias de ensino, acreditando que os espaços formais são os únicos ambientes propícios a uma educação de qualidade. Entretanto, devido à valorização da formação inicial e continuada dos docentes e da construção de metodologias diferenciadas, que vão desde a elaboração de atividades práticas no ambiente escolar até aulas em ambientes que ultrapassem os muros da escola, propícios a oferecer uma aprendizagem com um olhar inovador, a quebra de paradigmas vem acontecendo.

Em resposta a esse cenário, uma série de recursos didáticos foram criados como forma de oferecer suporte ao ensino que coloca o aluno no centro do processo e o professor como orientador. E dentre essa diversidade de atividades pedagógicas, a utilização de espaços não formais para o desenvolvimento de estratégias metodológicas inovadoras chamam a atenção. De acordo do Jacobucci (2008), todos os espaços em que podem ser desenvolvidas práticas educativas podem ser considerados como espaços não formais. O mesmo também afirma, que apesar da definição parecer muito simples, ela continua com sua conceituação ainda em aberto. Com base na literatura podemos classificar esses locais em dois tipos: os que apresentam uma estrutura física bem planejada, com monitores envolvidos nas práticas educativas, denominados de espaços institucionalizados; e os espaços que não dispõem de uma estrutura como a anterior descrita, mas que pode ser utilizada como um espaço educativo, espaços não institucionais.

Rocha & Terán (2010) ao discutirem a importância dos espaços não formais para o ensino de ciências, destacam a importância da escola nesse processo e ressaltam a impossibilidade de alcançar uma educação científica, sem a parceria da escola com estes espaços, o que se torna

indispensável. Nesse sentido, podemos compreender que além da conscientização do docente em relação a importância desses espaços para a formação científica dos estudantes é de extrema relevância a parceria entre a escola e os espaços não formais, espaços estes que realmente apresentem uma estrutura que propicie a abordagem dos conhecimentos e que o docente consiga desenvolver um roteiro que valorize os conhecimentos prévios e o desenvolvimento do senso crítico dos discentes. Queiroz et al. (2011) ressalta que é importante conhecer previamente as características desses espaços de ensino para haver uma melhor ligação entre os recursos oferecidos e os conteúdos trabalhados em sala, para que assim possa ser construída uma educação científica significativa.

O planejamento e desenvolvimento da pesquisa em questão busca contribuir para o entendimento das dificuldades enfrentadas pelos professores na realização de aulas em espaços não formais em turmas do ensino fundamental. Tendo como objetivo analisar os limites impostos no desenvolvimento de atividades em espaços não formais no Ensino de Ciências.

METODOLOGIA

A pesquisa apresenta como sujeitos 10 professores do ensino fundamental da rede municipal de duas cidades do interior de Pernambuco, são elas: Bom Jardim e Orobó. Os referidos docentes apresentam graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas e apresentam mais de 2 anos de atuação na área educacional. O procedimento de coleta de dados foi realizado através da elaboração de um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, sendo agendadas previamente na primeira visita a escola de atuação dos docentes. A entrevista consiste em 3 perguntas, abertas, sendo classificadas como qualitativa e possibilitando a ligação entre o referencial teórico que compõe a pesquisa com a realidade da vida docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista semi-estruturada foi utilizada como instrumento para obtenção de dados e para facilitação do contato entre entrevistado e entrevistador, permitindo a obtenção de respostas mais detalhada pela captação de expressões e comentários que não seriam percebidos pela utilização de outra metodologia. Para melhor entendimento dos resultados obtidos, os personagens da pesquisa foram intitulados como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10 como forma de preservar a identidade dos mesmos e compreender as respostas fornecidas pelos professores nas três (3) questões elaboradas, para que assim a análise possa ser feita de forma clara e concisa.

A primeira indagação girou em torno da realização de aulas em espaços não formais pelos docentes. E a análise dos dados quantitativos demonstram que dos 10 professores entrevistados, apenas 30% (3 professores) realizam aulas de campos, enquanto 70% (7 educadores) não realizam. Sendo um resultado alarmante devido ao fato da importância desse recurso metodológico na aproximação do conhecimento científico abordado em sala de aula com o cotidiano dos discentes, pois através de aulas dessa natureza os estudantes conseguem desenvolver a aprendizagem significativa. Como afirma Rangel (2005, p. 29):

É importante que o ensino-aprendizagem (sejam quais forem seus métodos e técnicas) inicie pelo conhecimento que seja mais próximo possível da vida do aluno, partindo de fatos imediatos para os mais remotos, do concreto para o abstrato, do conhecido para o desconhecido.

Posteriormente, foi perguntado se os mesmos consideram os espaços não formais como importantes para o processo de ensino-aprendizagem e dentre as 10 respostas obtidas, 4 chamam a atenção e resumem bem as demais respostas fornecidas pelos professores de ciência. São elas:

P1: Eu gostava muito das aulas de campo no período da faculdade. São as minhas melhores lembranças. Acredito que aprendi o dobro tendo contato com a realidade, mas infelizmente a realidade do ensino fundamental público é muito diferente de tudo que você aprende na faculdade. Eu gostaria muito de realizar excursões só que a burocracia é tamanha que te deixa frustrada.

P2: Considero como de extrema importância para a formação eficaz dos estudantes da educação básica. Os alunos conseguem associar o conteúdo visto em sala de aula com ambientes que eles frequentam ou poderão a vim frequentar um dia com a sua família, e assim o sentido de trazer o conhecimento científico para a vida dos alunos acontece.

P3: Os espaços não formais são atividades pedagógicas de grande riqueza para a construção do conhecimento biológico. Geralmente, os espaços não formais apresentam uma diversidade enorme de possibilidades de se ensinar o mesmo assunto e isso ajuda muito porque sabemos que cada aluno aprende melhor de uma determinada forma e esse leque vasto de opções para o mesmo conteúdo consegue apresentar uma maior probabilidade de eficácia no ensino.

P4: Sem dúvidas é uma ferramenta muito importante na aprendizagem, mas um professor consegue utilizar outros recursos disponíveis para atender as necessidades dos alunos na disciplina de ciências. Não é tão necessário assim sair do ambiente escolar para estudar zoologia, por exemplo. Eu particularmente considero importante, mas acredito que um professor consegue desempenhar bem as suas funções sem realiza-la.

Setes dos professores entrevistados consideram de suma importância os espaços não formais e apresentaram respostas muito parecidas com as dos docentes P1, P2 e P3 e alguns deles acabaram relatando as experiências positivas que tiveram na sua formação acadêmica como docentes através de aulas de campos realizadas pelas disciplinas da graduação, assim como a resposta transcrita a cima da professora P1, demonstrando frustração por saberem da importância e não conseguirem realizar o mesmo no seu ambiente de trabalho. Entretanto, dois professores apresentaram respostas muito parecidas com a dada pelo docente P4, totalizando 3 professores que consideram os espaços não formais como importantes, mas acreditam que o mesmo pode ser substituído por atividades desenvolvidas na própria escola. Como pode ser analisado e constatado na literatura a escola realiza a alfabetização científica, mas segundo Rocha (2008) “ela não é capaz de fazer isso sozinha, uma vez que, o volume de informação é cada vez maior, por isso a importância de uma parceria desta com outros espaços onde se promove a educação não formal”.

Em virtude dos professores afirmarem nas perguntas anteriores que consideram os espaços não formais como importantes no ensino aprendizagem e que mesmo assim apenas uma parcela extremamente pequena realizam aulas nesses ambientes, a terceira pergunta busca compreender qual o principal motivo que dificulta a realização de aulas em espaços não formais. As respostas obtidas pelos entrevistados apontam 6 dificuldades como pode ser vista na figura 1. Dos 10 professores entrevistados 20% (2 docentes) respondem que a falta de tempo em virtudes do número de escolas que ensinam é um fator que impede a elaboração dessas aulas; 60% (6 educadores) atribuíram o motivo a burocracia existente para liberação dessa atividade, por parte da direção, e também pela liberação do transporte para esses espaço; 10% (1 professor) levou a questão da falta de disciplina dos estudantes em espaços fora do ambiente escolar e 10% salienta a dificuldade encontrada para conseguir a permissão dos responsáveis pelos discentes para que os mesmos possam realizar essa atividade.

Figura 1- Porcentagem das dificuldades encontradas pelos professores dos anos finais do ensino fundamental para realizarem aulas em espaços não formais.





Desta maneira pode-se perceber que a maioria dos professores não realizam atividades dessa natureza devido a burocracia que envolve a liberação dessa atividade por parte da gestão da escola e também pela parte responsável pela liberação do transporte municipal. Essas afirmações nos norteiam no entendimento do porque que muitos professores sentem-se frustrados em um ambiente que eles não conseguem desenvolver o que aprenderam durante todos os anos da graduação. Os dados obtidos na pesquisa corroboram com o trabalho de Pinto et al., (2010) quando ele afirma “ao desenvolver o ensino de Ciências somente em ambiente escolar, a escola passa adquirir a postura autossuficiente do conhecimento de Ciências ou adquirir sua intencionalidade ou ignorância de resolução da perpetuação das de ciências no Ensino de Ciências”.

Também pode ser analisado que uma parcela menor atribui como dificuldade a longa jornada de trabalho que realiza devido ao salário recebido como professor, a falta de disciplinas dos alunos e a dificuldade na liberação por parte dos responsáveis, afirmando que alguns pais acreditam que o ensino só acontece dentro do ambiente físico da escola. Nos levando a refletir sobre os paradigmas que foram construídos ao longo do tempo e nos levando a concordar com Justi (2006), que demonstra em seu trabalho que o currículo de ciências não consegue mais suprir as necessidades dos alunos. Além de afirmar que o mesmo não pode mais ser visto como uma transferência de informações desvinculadas da realidade do aluno.

CONCLUSÃO

No presente estudo, realizado com 10 professores dos anos finais pode-se perceber que apenas 30% dos professores entrevistados realizam atividades em espaços não formais e que a maioria dos professores, 60%, apontam como a maior dificuldade para realização dessas atividades a burocracia gerada pela liberação da atividade por parte da gestão e do setor responsável pelos transportes do município. Desta forma, podemos compreender que o desenvolvimento dessa estratégia metodológica exige não apenas o esforço do educador em procurar o ambiente pertinente e o roteiro para o desenvolvimento da aula, mas também de todos os envolvidos direta e indiretamente com a educação.

BIBIOGRAFIA

BIBIANO, B. Vamos a campo! **Nova escola**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 235, p. 110-111, 2010.

CAZELLI, S. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** 2005. 186f. Dissertação (Doutorado em Educação) Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, Uberlândia, v.7, p 55-66, 2008.

JUSTI, R. La enseñanza de ciencias basada en la elaboración de modelos. **Enseñanza de las Ciencias**, Barcelona, v. 24, n. 2, p. 173-184, 2006.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais do ensino fundamental. IN: Ensaio – Pesquisa em educação em Ciências, 1., 2001, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2001, p. 5-15.

PINTO, Leandro Trindade; FIGUEIREDO Viviane Arena. **O ensino de Ciências e os espaços não formais de ensino: Um estudo sobre o ensino de Ciências no município de Duque de Caxias/RJ.** 2010. 179f. Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. 2010.

QUEIROZ, R. M.; TEIXEIRA, H. B.; VELOSO, A. S.; TEÁN, A. F.; QUEIROZ, A. G. A Caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 4, n. 7, p.12-23, 2011.

RANGEL, M. **Métodos de Ensino para a Aprendizagem e a Dinamização das Aulas.** 6. ed. Campinas: Papyrus Editora. 2005.

ROCHA, S. C. B. **A escola e os espaços não-formais: possibilidades para o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2008. 175f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2008.

ROCHA, S. C. B. & TERÁN, A. F. **O uso de espaços não formais como estratégia para o ensino de ciências.** Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2010.